

O modo de funcionamento mental na sociedade hipermoderna

Ana Rosa Gonçalves de Paula Guimarães¹

Resumo: O objetivo deste estudo é o de apresentar as produções, ideologias e valores sociais dirigidos aos indivíduos inseridos na sociedade hipermoderna (LYPOVETSKY, 2004) ou vida líquida (BAUMAN, 2004, 2007) e como ocorre o funcionamento mental destes. Para isso, partiu-se das particularidades da atual sociedade como, por exemplo, o desejo voraz por gratificação ilimitada, imediata e permanente. Para fundamentar a leitura acerca do modo de funcionamento mental na sociedade hipermoderna, recorreu-se à teoria kleiniana (1930, 1952), às posições depressiva e, em especial, a esquizoparanoide, quanto ao que concerne às formas de relacionamento com o objeto, com o mundo externo e interno, com o objeto bom e mau e às demandas em cada posição nos bebês, principalmente nos bebês crescidos hipermodernos.

Palavras-chave: Desamparo. Hipermodernidade. Klein. Posição esquizoparanoide. Subjetividade.

A sociedade hipermoderna: bebês crescidos, passivos e desamparados

Não temos dúvidas a respeito da necessidade urgente de restaurar, recuperar a nossa humanidade, refazer o objeto bom atacado, destruído, tal como o bebê amoroso faz com a mãe na posição esquizoparanoide representada na barbárie em que estamos mergulhados e chegar à posição depressiva, buscando um novo humanismo (DAMERGIAN, 2009, p. 139).

1 Psicóloga. Licenciada em Letras. Especialista em Saúde Pública. Atualmente, é mestranda em Psicologia Clínica (Psicanálise e Cultura), pela Universidade Federal de Uberlândia.

A partir do final dos anos 70, a noção de pós-modernidade fez sua entrada no cenário intelectual. Uma temporalidade dominada pelo precário e pelo efêmero. O triunfo das normas consumistas centrou-se na vida presente, em uma temporalidade social inédita, marcada pela supremacia do aqui-agora. No entanto, era preciso *modernizar o moderno*. Segundo Lypovetsky (2004), a época da pós-modernidade sofreu transformações e entrou no novo contexto a hipermodernidade, que eleva a modernidade à potência suprema, desenfreada, direcionando o sujeito a uma sensação de fuga à evolução a partir da mercantilização proliferada, da desregulização econômica e do ímpeto técnico-científico, cujos efeitos são tanto carregados de perigos quanto de promessas. Portanto, atualmente, vive-se a era dos excessos e da eficácia, a qual se constitui como *era do hiper*: hipercapitalismo, hiperclasse, hiperindividualidade, hiperconsumo, hipernarcisismo, hipermercado, etc.

Bauman (2007), sociólogo polonês, é estudioso das particularidades da atual sociedade e ressalta que há a passagem da fase *sólida* da modernidade para a *líquida*, a qual se decompõe e dissolve-se mais rápido que o tempo levado a fim de moldá-la. Para Lypovetsky (2004), os indivíduos hipermodernos são, ao mesmo tempo, mais informados e mais desestruturados, mais adultos e mais instáveis, menos ideológicos e mais tributáveis das modas, mais abertos e mais influenciáveis, mais críticos e mais superficiais, mais céticos e menos profundos.

Com isso, a condição do sujeito contemporâneo é a de sobrevivente e órfão, uma vez que também perdeu o seu lugar de origem sob a proteção da autoridade paterna e inutilizou sua fé na imortalidade da alma. Birman (2012a) destaca que o desamparo humano provocado pelo fim das utopias aumentou o despreparo e a busca por soluções que aliviem a subjetividade e individualidade as quais estão *viradas de ponta cabeça*. O discurso vazio, as ausências de criatividade e as resistências insuperáveis conduzem o sujeito a inscrever-se em um mundo que lhe proporciona inúmeras experiências, mas que também lhe assinala muitas impossibilidades e mazelas existenciais. O desamparo do indivíduo é a matéria-prima da psicanálise, já que ele resulta da subjetividade em um mundo que não se funda mais sobre ideais totalizantes e universalizantes, uma vez que a vivência genuína requer o recomeçar insistentemente em seu percurso singular e solitário em si mesmo.

Hostilidade, preconceito, humilhação, violência física, psicológica, sexual, exploração, dissolução dos núcleos familiares e vínculos afetivos imprimem a marca da pulsão de morte. Impulsionados pelo orgulho e onipotência, advindos do progresso civilizatório, tem-se dificuldade em aceitar que o *ser* humano é portador do bem e do mal, capaz de amor e ódio, altruísmo e egoísmo, de construir e destruir. Vive-se em um mundo perturbado e conturbado. Birman (2012a) pontua que a condição do indivíduo atualmente é a de um *sofrente*, e Damergian (2009) observa a cultura e a psicodinâmica de um homem-massa, cujo mundo

interno de solidão, vazio de objetos, de diálogos e de relações afetivas o conduz a um paliativo crescente: a fetichização do social.

Como fundamentos para o artificial efeito de onipotência humana, Edler (2008) nota que na ascendente fase consumista, as pessoas são decompostas em objetos, na medida em que há o culto ao corpo, o qual pode ser esculpido e completo para o gozo em um breve espaço de tempo. Com isso, manifesta-se uma imagem forte, saudável e feliz, mesmo que sendo camuflada, pois demonstra para os demais o dinamismo com que se consegue lidar com acontecimentos ao romper obstáculos com muita facilidade e sutileza. Para a autora, “a vergonha substituiu a culpa, Édipo saiu de cena, recolhido à sua cegueira e entrou Narciso para brilhar” (2008, p. 15). Assim, o imprescindível é *ficar bem na foto*, adotando o princípio de que é necessário ganhar o máximo e perder o mínimo, independente de qualquer circunstância, bem como o *parecer* tem como sinônimo *existir*. Lasch (apud EDLER, 2008) observa um *novo narcisismo* cujas características envolvem o temor do envelhecimento e da morte, o deslumbre pela fama, o declínio do espírito lúdico e a frouxidão das relações humanas.

Entretanto, as características desse *novo narcisismo*, em convergência com o modelo da sociedade atual, ocasionam no indivíduo sentimentos de vazio e falta de vitalidade. As fugas ou evasões decorrentes de evitarem-se o sofrimento, a tristeza e a dor psíquica vêm atreladas, em especial, com o uso de medicações utilizadas a fim de tentar submergir essas inquietações. A cultura do narcisismo inscreve a preocupação da imagem, em primeiro plano, dos agentes sociais e, desta forma, como destaca Debord (1997), os registros do olhar, a visibilidade, a cena, a exibição, destacam-se na configuração das novas modalidades de sociabilidade, a qual denuncia a *sociedade do espetáculo*, cuja conclusão é a de que o consumo torna-se algo ilusório ao submeter parte de seus espectadores a um mundo que aparentemente o aponta como inferior. Ainda sobre o individualismo e o narcisismo, Damergian (2009) ressalta a falta de reciprocidade para com o Outro:

Em tempo de individualismo, de narcisismo e egoísmo exacerbado, este outro não é um sujeito com que o ego interage, discute, dialoga, respeita como semelhante e escuta. Ele é, na maior parte das vezes, apenas um objeto utilizado para a satisfação de desejos pessoais, sejam eles quais forem. Aliás, uma característica de nossa civilização é a ausência de diálogos entre as pessoas. Há um discurso massificado, ausente de ideias, reflexões, troca de experiências, sentimentos. Quando os egos narcísicos estão reunidos, é dolorosa a experiência da inexistência de reciprocidade, de escuta. As *conversas* são ruídos, sons altos, em que ninguém escuta ninguém. É nessa a *dialética* dos bárbaros: um solilóquio exibicionista (p. 48).

Com isso, o novo individualismo, o enfraquecimento dos vínculos humanos e o definhamento da solidariedade mostram os contornos nebulosos da *globalização negativa* (BAUMAN, 2007). A humanidade está doente e, por sua vez, origina uma sociedade também adoecida. Damergian (2009) expõe que, como Midas modernos a ambição de transformar tudo em ouro, ou melhor, em lucro ou em objeto de consumo, faz com que o conceito de civilidade do homem congele ou esterilize tudo que ele toca.

Contudo, os alvos substitutos da atual condição de sobrevivência que conduz os indivíduos às fugas, sobre as quais há a ilusão de poderem descarregar seus medos existenciais, que sofrem uma barreira natural ao encontrarem paliativos quanto às preocupações cuidadosas como, por exemplo, na inalação da fumaça do cigarro, na comida gordurosa, na exposição ao sol, no sexo desprotegido (BAUMAN, 2007). Assim, a relação homem-mundo é a necessidade e o desejo em busca de uma satisfação, seja ela real, ilusória, concreta ou abstrata. A busca da fonte de satisfação torna possível um psiquismo aberto, uma saída da posição narcísica original em busca do objeto que está fora. E busca-se a gratificação quando se sente a falta, a lacuna, a ausência, quando há falha na onipotência e na autossuficiência. Contudo, há a interrogação se realmente a satisfação dos indivíduos é ocasionada pela falta de determinado produto, ou decorre de questões que não tenham uma solução rápida, fácil e objetiva, como o comprar o que falta, pois, às vezes, a *lacuna* a ser preenchida não tem valor monetário, nem estaria à venda. Acerca da compulsão à fuga, Bauman (2007) pontua:

Joseph Brodsky, o filósofo-poeta-russo-norte-americano, descreveu de forma esclarecedora o tipo de vida colocando em movimento e impulsionado pela compulsão à fuga. A sorte dos perdedores reconhecidos, dos pobres eliminados do jogo do consumismo, é uma vida de rebelião esporádica, porém mais comumente do vício em drogas: 'Em geral, o homem que injeta heroína em suas veias o faz, em grande parte, pela mesma razão que você compra um vídeo', disse Brodsky aos alunos do Dartmouth College em julho de 1989 (p. 109).

Conseqüentemente, a atual existência representa uma vida de concessões, pois direciona o sujeito ao aprisionamento, cuja lacuna interior está presente. Contudo, como componentes imprescindíveis para a fuga e alívio ilusório de sua condição humana negada, a sociedade democrática o submete a três componentes essenciais, conforme advertido por Lipovetsky (2004): o efêmero, a sedução e a diferenciação marginal.

As possibilidades de emancipação de um bebê, que pode estar crescido

Fazer contato com este plano da existência e desenvolver os recursos psíquicos para encarar o horror e dela fazer combustível para o pensamento livre e para a livre criação é a meta da psicanálise kleiniana (FIGUEIREDO; CINTRA, 2010b, p. 18).

A psicanalista Melanie Klein (1882-1960) foi a criadora da psicanálise infantil por meio da técnica do brincar e, segundo Petot (1991), depois de Freud, é a autora das descobertas clínicas e teóricas mais importantes da psicanálise. Contudo, a psicanalista ainda não teve sua obra beneficiada pela elucidação histórica e epistemológica até o momento. Figueiredo e Cintra (2010b) assinalam que Klein é uma autora que nos convida a perder preconceitos estéticos e a deixar a necessidade de uma bela teoria, pois a leitura de seu escopo teórico leva o estudioso ao movimento de rebaixamento, de degradação do que é abstrato, o plano material e corporal.

Freud partiu do adulto a fim de descobrir as peculiaridades do universo infantil, este que teria influência nas posteriores passagens da vida – as fases psicosexuais; Klein, contudo, parte da criança, ou melhor, parte de seus estudos do recém-nascido para revelar o tumulto da vida primitiva. Assim, sua teoria não se restringe apenas à terapia com crianças, mas expande-se aos adultos por meio de sua teoria objetual e a noção rompida de desenvolvimento cronológico e linear, pois busca privilegiar duas grandes possibilidades de *experienciar* a si mesmo e ao mundo: a posição esquizoparanoide e depressiva.

Klein enfatizou a descoberta freudiana de que a sexualidade infantil é *polimorfa* e exibe traços de violência e sadismo, tratando-se de uma formação heterogênea, plano de fundo de todas as ansiedades ou angústias arcaicas. As fantasias inconscientes e as angústias apenas irão transformar-se em algo tolerável e enriquecedor a partir do trabalho do pensamento chamado simbolização (FIGUEIREDO; CINTRA, 2010b). O ousar pensar e criar como formas de transformação e elaboração da vida emocional fecundam a capacidade de separar-se de ídolos, dos pais e inclui e alcança as mais elevadas manifestações do espírito nas artes e nas ciências.

Klein partiu do ponto exato de onde partiram Freud e o pai do pequeno Hans, de cinco anos, mas pôde ir além por haver percebido que o brincar continha um aspecto simbólico e, através deste, a criança expressaria suas fantasias e ansiedades. Além do mais, Petot (1991) assinala que Klein realizou três descobertas sobre as quais se assentam suas contribuições à psicanálise: a existência normal e regular de um complexo de Édipo precoce; a existência de uma forma arcaica de superego, desde praticamente o início da vida e a possibilidade de exis-

tência de uma transferência na análise de uma criança, desde a primeira sessão, por mais jovem que fosse.

Para tanto, a fim de problematizar e levantar hipóteses das particularidades do modo de funcionamento mental dos indivíduos na sociedade hipermoderna, será necessário recorrer à teoria kleiniana, à posição depressiva e, em especial, à esquizoparanoide. Para Petot (1991), o conceito de posição não se restringe apenas a uma fase ou estágio passageiro, mas a uma configuração particular de relações objetais caracterizadas por uma associação regular de um conteúdo ansiogênico típico de um conjunto de mecanismos de defesa. O conceito kleiniano de posição é a teoria de desenvolvimento mental e mostra como as pessoas usam seu psiquismo para perceber, negar, alterar a realidade ou refletir sobre ela. Tal desenvolvimento se dá de dois modos básicos de funcionamento psíquico que se organizam e se alternam ao longo da vida para dar sentido às experiências emocionais, assim como a realidade deve ser considerada em seus âmbitos objetivos e subjetivos.

Na obra kleiniana, os dualismos freudianos são levados ao extremo: vida e morte, introjeção e projeção, bom e mau objeto, amor e ódio, ataque e reparação. Essas polaridades dominam a vida afetiva do indivíduo. As polaridades organizam-se em torno de duas posições fundamentais da vida psíquica: esquizoparanoide e depressiva, como formas de organização das ansiedades, defesas de estabelecer relações com os objetos. As experiências emocionais não podem ser pensadas como constituídas somente a partir da relação com os objetos reais, e cada vivência emocional adquire um significado de acordo com as características de tais objetos internos.

Klein (1952) aponta que desde o início da vida pós-natal o bebê vivencia e experimenta ansiedades decorrentes de fontes internas e externas. A pulsão de morte origina o medo da aniquilação e é a causa primária da ansiedade persecutória. Portanto, o primeiro elemento de que nasce a ansiedade provém do meio externo, o qual é a experiência do nascimento, visto que o bebê perde o conforto e proteção do estado intrauterino e, com isso, sente-se atacado por força hostil, isto é, a perseguição.

Nos primeiros meses de vida, o bebê relaciona-se com o objeto de amor – o seio da mãe, como um objeto a ser consumido e devorado. De tal modo, é o que define uma relação de objeto parcial, visto que o objeto de amor não possui autonomia em relação ao corpo do bebê ou uma integridade própria, sendo percebido como parte ou prolongamento daquele e como um pedaço do mundo a ser consumido ou rejeitado na justa medida das necessidades e desejos do bebê. A mãe do bebê é configurada apenas como *partes recortadas desta totalidade*, de forma que essas partes são convertidas em objeto de consumo do qual o bebê apodera-se para seguir vivendo. Por outro lado, na época do desmame, quando a criança

tem o primeiro vislumbre da mãe como objeto total, poderá começar a levá-la em consideração, poderá começar a interessar-se pela sua preservação e a temer pelo o seu desaparecimento, isto é, surgem os primeiros sinais de preocupação com o outro e de capacidade de cuidar dele (FIGUEIREDO; CINTRA, 2010b).

Desse modo, as primeiras experiências do bebê com a alimentação e com a presença da mãe iniciam uma relação de objeto com ela, cujos impulsos orais, sejam eles libidinais ou destrutivos, formarão uma interação em proporções variadas, correspondendo à fusão entre as pulsões de vida e de morte.

O instinto de morte, segundo Segal (1975) permanece no eu (*self*), no entanto, é convertido em agressividade, dirigido contra os perseguidores, projetado para fora, a fim de evitar a ansiedade e estabelecer a relação libidinal com o objeto. O ego irá estabelecer uma relação com dois objetos: o seio ideal, bom e com o seio persecutório, mau. As fantasias do objeto ideal fundem-se por meio de experiências gratificantes de amor e alimentação recebidos da mãe externa real. O bebê, neste momento, sente a necessidade de conforto, nutrição e cuidado. As fantasias de perseguição abarcam as experiências reais de privação e sofrimento.

A ansiedade predominante neste momento é a de que objeto ou objetos perseguidores entrarão no ego e dominarão e aniquilarão tanto o objeto ideal quanto o eu (*self*). A partir disso, a ansiedade é paranoide e o estado do ego e de objetos é caracterizado pela divisão (*splitting*) – esquizoide. O ego esforça-se para introjetar o bom e para projetar o mau. Figueiredo e Cintra (2010b) esclarecem que a diferenciação da posição esquizoparanoide é efetivada por meio de uma dinâmica evacuativa de negar, projetar e expulsar a realidade psíquica a fim de se obter alívio imediato, a qual gerará angústias persecutórias ou paranoides, uma vez que todo o mal posto do lado de fora se torna ameaçador e persecutório do ambiente. As angústias paranoides, que ao lado das angústias depressivas Klein chamou de angústias psicóticas infantis, podem ser enfrentadas pela criança por meio de mecanismos obsessivos como, por exemplo, o exercício do controle, que é sempre uma estratégia imaginária de imobilizar, prender e dominar a *maldade* que produz ameaça.

Klein propõe que, na posição paranoide, além de mecanismos obsessivos, as defesas mais radicais como a negação da realidade psíquica ou a expulsão e projeção são mobilizadas. Nessa posição, predomina a desconfiança na bondade dos objetos e a capacidade de identificar-se com os objetos de amor é pequena, uma vez que as defesas estão organizadas para livrar-se rapidamente de perseguidores que devem ser eliminados como se fossem fezes. A cisão entre *figuras excessivamente boas ou más* é o que caracteriza a posição paranoide, ao passo que o desenvolvimento da posição depressiva envolve a unificação e a relativização da *bondade e maldade*, conduzindo a imagens mais moderadas.

As contribuições de Segal (1975) sinalizam que a introjeção e a projeção são utilizadas em situações de ansiedade a fim de manter os objetos perseguidores e ideais afastados o máximo possível e mantê-los sob controle. A divisão, por sua vez, está ligada à idealização do ego ideal, pois mantém distante o objeto perseguidor e o eu torna-se impermeável ao mal. Há a negação mágica onipresente, a fantasia de total aniquilação dos perseguidores. Tal psicodinâmica é comum em pacientes esquizoides, em bebês que foram *perfeitos*; na vida adulta, o indivíduo não discriminará entre o bom e o mau, haverá a fixação em objetos maus que têm de ser idealizados.

Os mecanismos de defesa usados visam a afastar o medo da morte, a partir de dentro, e os perseguidores internos ou externos, mas apenas quando o instinto de morte é defletido. Os mecanismos esquizoides propõem a divisão do objeto e do eu em uma parte boa e em outra má. A divisão da parte má do eu é feita em pequenos fragmentos, e projetam-se partes más do objeto com sentimentos de ser perseguido, por uma grande quantidade de objetos maus.

Com isso, na posição esquizoparanoide, o ego emerge do caos e ordena experiências, constituindo pré-condição da integração posterior, embora, mais tarde haverá a faculdade de discriminação originada da diferenciação primitiva entre bom e mau. A capacidade de prestar atenção na própria emoção formará o juízo intelectual que, posteriormente, se transformará em repressão. A conexão com a ansiedade persecutória e com a idealização propiciará a diferenciação crescente entre o que é do eu (*self*) e o que é objeto, e caminha-se rumo à posição depressiva.

Durante o segundo trimestre do primeiro ano, algumas mudanças no desenvolvimento intelectual e emocional do bebê tornam-se acentuadas. Amplia-se a variedade de suas gratificações e interesses e aumenta sua capacidade de expressar emoções e comunicar-se com as pessoas. Klein (1952) destaca que a ambivalência é vivenciada predominantemente em relação a um objeto completo, total. O amor e o ódio aproximam-se muito e o seio *bom e mau*, a mãe *boa e má* não podem mais ser mantidos tão separados quanto no estágio anterior. A voracidade, no entanto, é sentida como incontrolável, destrutiva e ameaçadora para os objetos externos e internos. Portanto, o ego inibe cada vez mais os desejos pulsionais, levando a graves dificuldades para o bebê apreciar ou aceitar comida, e mais tarde a sérias inibições no estabelecimento de relações afetivas e eróticas.

O bebê reconhece sua mãe não apenas como seios, mãos, faces, mas como uma pessoa total, podendo ser amada ou odiada e, além, é um indivíduo que leva vida própria e que tem relações com outras pessoas. Assim, o bebê descobre o desamparo, a dependência, o ciúme. Cada vez menos, o ego do bebê também se divide e a integração do ego ocorre simultaneamente.

A mudança de foco da ansiedade do bebê converge-se à ambivalência e aos próprios instintos destrutivos que tenham destruído ou destruam o objeto que ele ama e do qual depende totalmente. Os processos introjetivos são intensificados, pois diminui-se a projeção, o bebê descobre sua dependência em relação ao objeto, que agora ele percebe como sendo independente e com possibilidades de se afastar e recua a necessidade de possuir o objeto.

Na posição depressiva, segundo Segal (1975), o luto e o anseio pelo objeto bom é sentido como perdido e destruído, despertando no bebê a culpa, desespero depressivo, sofrimento em relação à mãe e o mundo interno é sentido como estando em pedaços. A luta constante entre a destrutividade do bebê e amor e impulsos reparados quando alcançam o sucesso, a esperança é renovada. Com o ego mais organizado, as projeções enfraquecem, a regressão toma o lugar da divisão e os mecanismos psicóticos dão lugar aos mecanismos neuróticos, como a inibição, a repressão e o deslocamento.

A formação simbólica é utilizada a fim de poupar o objeto, inibe seus instintos e o processo criativo pode ser instaurado. A sublimação ocorre devido à renúncia objetiva instintual, pelo processo de luto e pela *revivência* da renúncia ao seio. Logo, na posição depressiva encontra-se um ego maduro e com capacidade de vínculo e abstração.

A posição depressiva surge quando a criança tem a capacidade de perceber, reconhecer, lembrar, localizar e antecipar experiências, visto conseguir romper com o universo psíquico de um bebê. Segal (1975) aponta a luta ao não se rejeitar as coisas boas e triviais da vida cotidiana quando contratadas com os sinais de um mundo perdido. A autora ainda destaca que a posição depressiva nunca é plenamente elaborada, há ansiedades relativas à ambivalência e culpa como também ansiedades de perder o objeto bom.

É imprescindível compreender o caráter autônomo e demoníaco das fantasias e ansiedades que irrompem à revelia, e a alteridade do funcionamento inconsciente em relação às experiências cotidianas e à maneira habitual de entender o mundo e a si mesmo. Figueiredo e Cintra (2010a) destacam que o alvo da cura analítica é o atravessamento da posição depressiva e a solução do complexo edipiano, ambicionando a ampliação da capacidade de experimentar e ter relações complexas e ambivalentes com objetos integrais, admitindo a relativa autonomia desses objetos e suas ligações com os outros e com eles próprios. Trata-se da superação dos padrões narcisistas de relacionamento para a conquista da possibilidade de fazer contato com a alteridade dos objetos de amor e ódio – um forte aspecto ético do kleinismo.

A saúde e a doença psíquica decorrem de um jogo entre forças instintivas antagônicas, decorrentes de um conflito primário e de relação entre o indivíduo

em processo de formação e o ambiente acolhedor ou hostil, ao longo do tempo. Para Klein, duas polaridades regem a vida psíquica: a pulsão de vida é a tendência que conduz a uma maior integração do aparelho psíquico e ao crescimento, enriquecimento e fortalecimento do ego; já a pulsão de morte é a tendência à desintegração e à desorganização, pela destruição dos outros e de si mesmo. A pulsão de vida expressa o investimento de amor: conduz ao movimento de colocar libido e interesse nas pessoas e no mundo e a fazer ligações capazes de produzir integração e sentido e, muito especialmente, conduz à capacidade de produzir reparações e criações compensatórias.

Para o bebê, o corpo materno passa a ser o horizonte concreto e metafórico de tudo que há de bom e de satisfatório. A sexualidade vampiresca realiza a combinação do amor e do desejo de morder o objeto amado, de fazê-lo em pedacinhos, de cobri-lo de urina e de fezes, de atacá-lo com substâncias venenosas e mágicas. É a própria ambição desmesurada do amor que o torna sádico, exigindo reparações no plano *ético* – é preciso fazer o bem – e *estético* – é preciso criar o *belo* – capazes de compensar e restituir (FIGUEIREDO; CINTRA, 2010a).

O modo de funcionamento mental na sociedade hipermoderna

É o caminho do autoconhecimento, que ilumina nossas obscuridades, nos coloca em contato com nossas culpas, fantásticas ou reais, nossas pequenezas, nossas negações, nossos sentimentos inferiores, enfim, nos apresenta a nós mesmos (DAMERGLIAN, 2009, p. 153).

Na sociedade hipermoderna ou vida líquida, o sujeito choca-se com o imprevisível que o desorienta. Assim como bebês clamando por suas necessidades imediatamente satisfeitas, a explosão nos indivíduos, os bebês crescidos atualmente vêm sob primeiro plano. Birman (2012b) destaca que as circunstâncias se passam como se essas não conseguissem mais conter o excesso no território interior, para em seguida simbolizá-lo e transformá-lo naquilo que Freud denominou ação específica.

O ser interiorizado no registro do pensamento se transforma no ser exteriorizado e performático que quer agir e brilhar, antes de qualquer coisa. A hipervivacidade se impõe, pois se age frequentemente sem pensar naquilo a que se visa com a ação, de forma que os indivíduos nem sempre sabem dizer o que os leva a agir. “O sujeito da ação tem a marca da indeterminação, uma vez que, no *cogito* da atualidade, o que se enuncia é: *agir, logo existir*. O agir é o imperativo categórico na contemporaneidade” (BIRMAN, 2012b, p. 82).

É o pensamento, o qual entoa o caminho para impedir a morte e a absorção da realidade, visto que ele sirva à ação e a vida contemplativa foi substituída pela vida ativa. Damergian (2009) aponta que houve a regressão do eu, o qual tem um gosto secreto pelo nada. Assim como o bebê em seu estágio inicial, os indivíduos estão em fusão com a mãe, com o externo, na medida em que as experiências recorrentes de gratificação e frustração advindas do universo de fora são poderosos estímulos libidinais e destrutivos, tanto para o amor quanto para o ódio.

Como um grande seio, a sociedade atualmente pode ser odiada ao adquirir as qualidades destrutivo-orais dos impulsos do próprio bebê crescido quando em estados de frustração e ódio. Klein (1952) destaca que, em suas fantasias destrutivas, o bebê morde e dilacera o seio, devora-o, aniquilando-o. E sente que o seio o atacará da mesma maneira. O medo e a voracidade do objeto, devido à projeção, é um elemento essencial na ansiedade persecutória, porque o seio mau o devorará da mesma forma voraz em que ele deseja devorá-lo. Com isso, o objeto frustrador, a sociedade hipermoderna sendo aterrorizante, também pode transformar-se no seio, ou melhor, em um mundo ideal, ao saciar o desejo voraz por gratificação ilimitada, imediata e permanente. Na medida em que a idealização é derivada da necessidade de ser protegido de objetos persecutórios, ela é um método de defesa contra a ansiedade.

O imediatismo, para Bauman (2004), também vem da liquidez em acuar as relações humanas à satisfação instantânea, descartável e mercantil. Em virtude do sentido do consumismo incessante, norteado pelo acúmulo da quantidade e não da qualidade, do mesmo modo traduz-se às afinidades humanas. No amor, como na morte, ambos nascem, ou renascem, no exato período em que surgem, sempre a partir do nada, do inesperado, da escuridão do não-ser, sem passado nem futuro; começa sempre do imprevisível, das experiências passadas e da futilidade dos enredos futuros. Assim como na posição esquizoparanoide, em que o bebê relaciona-se com o mundo externo percebendo-o e agindo sobre ele sob a forma de relacionamento e identificação com o objeto parcial. Nesse sentido, há postulados sociais, os quais irão circunscrever o indivíduo hipermoderno, a partir de soluções fantasiosas e mágicas a fim de *solucionar*, mesmo que de forma artificial e frágil, sua impotência:

Nesse novo contexto, surgiram imperativos culturais que permeiam tendências morais: ‘a felicidade é agora’, ‘não deixe para amanhã o prazer (consumo) que você pode ter agora!’, ‘mude seu corpo em quatro semanas’. Nesse cenário, a tristeza tornou-se uma hóspede indesejável, signo de impotência e fraqueza (LEITE, 2010, p. 73).

Como uma das formas de compulsão da sociedade hipermoderna, Birman (2012b), destaca o alimento, que se impõem ao mesmo tempo como fascinante e mortífero, já que é atraente e repellido em um mesmo movimento pelas pessoas. A relação do indivíduo com a comida é ambígua e ambivalente porque se torna objeto de desejo e de repulsa, de maneira que a voracidade e o vomitar se declinam quase que no mesmo gesto. Os efeitos dessa polaridade são opostos, mas o alimento como fetiche está sempre presente nessa experiência compulsiva. Entre a magia e o gozo, a comida, portanto, é um objeto certo de sedução, mas pela qual a magia pode se transformar em feitiço e em canibalismo mortífero, que deve ser prontamente repellido.

A fome também é evidenciada no mundo psicológico, dentro de uma subjetividade que se está constituindo sob a forma de uma representação figurativa, uma presença concreta de um objeto que frustra. Assim, o comer é vivido como fruto de uma ação concreta de algo realmente existente dentro do bebê e vivida como uma figura persecutória. O objeto adquire as qualidades de bom ou mau de acordo com os sentimentos que evoca, pois será bom quando o recém-nascido for alimentado e mau quando não satisfeito.

Como formas de se evidenciar a era dos excessos e do alívio imediata das mazelas e do desamparo, o cuidado ou descuido com a alimentação ganha destaque no cenário hipermoderno. Birman (2012b) diz que nas bulimias, no comer excessivo predomina a dimensão do preenchimento corporal, advindo do prazer alimentar; a anorexia, por sua vez, proclama a recusa pelo alimento, pela vida. A magreza é um dos códigos de beleza atuais porque, contudo, o gordo não é provido de sensualidade e sua voracidade deve ser controlada. Assim, a obesidade além de ter sido pontuada como uma doença, também abarca a condição de monstruosidade. O psiquismo lança mão cada vez mais da passagem ao ato e não do *acting-out*. Por conseguinte, o envelhecimento se transformou em uma enfermidade, e a morte deve ser exorcizada.

Nesse contexto, a medicina ortomolecular ganha notoriedade científica por suas promessas relacionadas com a longevidade, cujas fórmulas que inventa são personalizadas, baseadas nas singularidades de cada um. A reposição hormonal se banaliza por razões terapêuticas e preventivas, tanto para os homens quanto para as mulheres. As vitaminas, os alimentos mais saudáveis, a prática de exercícios físicos, contribuem para o ideal da eterna juventude e do parecer jovem que se impõe como imperativo de saúde, associado ao ideal estético da beleza.

O corpo é o registro antropológico mais eminente no qual se enuncia na atualidade o mal-estar. Todos se queixam de que o corpo não funciona como o ambicionado. Algo não está bem com o corpo, que se transforma na caixa

de ressonância privilegiada do desconforto. Logo, sempre algo deve ser feito para que o desempenho corpóreo possa melhorar, pois este se encontra sempre aquém do desejado. Os bebês crescidos têm se queixado sempre da falta, de não conseguir fazer tudo o que se deveriam fazer, até mesmo os ociosos e desempregados, considerando as múltiplas possibilidades oferecidas para o cuidado do corpo. Contudo, o modelo do corpo perfeito retoma ao período clássico, onde corpos musculosos, esculpidos e tidos como perfeitos são admirados e necessários para o pleno gozo e satisfação por meio do olhar do outro e do diálogo com o espelho.

“Impõe-se aos idosos ter sempre uma ‘alma jovem’; às crianças, uma ‘alma adolescente’; e aos adultos, uma ‘alma infantil’. Nesse circuito de trocas, nossa alma nunca é contemporânea dela mesma” (LEITE, 2010, p. 74). Atualmente, as crianças têm os melhores e os mais modernos aparelhos celulares; os adultos divertem-se com livros para colorir e os idosos saudáveis devem pular de paraquedas. As crianças, novamente, voltam a ser consideradas miniadultos, assim como na Idade Média. Os adultos têm agora o *personal organizer*, um profissional encarregado de organizar gavetas e armários; o *personal pet*, pois os adultos amam seus cachorros, mas não têm tempo suficiente para levá-lo para passear ou lhes ofertar a atenção e o carinho devidos; o *personal stylist*, o qual oferece opiniões acerca do que a pessoa deve ou não vestir; o *personal shopper*, que ajuda o adulto a comprar roupas mais adequadas ao seu estilo, tipo físico e personalidade; e também há o *personal diet*, o qual organiza na geladeira do cliente todos os alimentos de natureza *diet* que o adulto poderá comer. As descrições das funções citadas correspondem também à da mãe, que tem uma criança pequena e que ainda precisa de cuidados a fim de se tornar autônoma e independente. Nesse cenário, o adolescente, ainda em processo de amadurecimento e desenvolvimento, sem figuras de referência, pois ninguém sabe mais quem é, certamente buscará fugas para suas incertezas e necessidade de alicerces.

A sociedade hipermoderna é propriamente aquela que multiplica ao infinito as ocasiões de experiência frustrante, ao mesmo tempo em que deixa de proporcionar os antigos dispositivos *institucionalizados* para debelar esse mesmo mal. [...] Quanto mais se multiplicam as vivências frustrantes, mais numerosos são os convites à reação e acessíveis as circunstâncias propícias à recreação e ao gozo. [...] valorizam o incitamento contínuo ao consumo, à fruição, à mudança. [...] *fórmulas paliativas*, diversificadas e desreguladas, do universo individualista da livre-opção (LYPOVETSKY, 2004, p. 7).

As toxicomanias constituem hoje uma das formas dominantes do mal-estar, inscrevendo-se em diferentes faixas etárias e classes sociais, assim, além dos adolescentes, as crianças, os adultos e os idosos buscam nas drogas, lícitas ou ilícitas, uma forma de consolo. Birman (2012b) esclarece que a toxicomania impõe-se como um dos flagelos da atualidade e se transformou em um dos alvos privilegiados das políticas de saúde pública. Isso porque, como os adolescentes e adultos jovens são os grandes consumidores de drogas, o fenômeno provoca efeitos perigosos no desempenho escolar, além dos efeitos danosos sobre a saúde física e a saúde mental. Trata-se hoje de um fenômeno de massa, em larga escala, disseminado em amplos setores da população.

As toxicomanias não se restringem ao uso das drogas ilegais, produzidas e comercializados pelo narcotráfico, mas também abarcam as drogas legais e ditas medicinais, legitimadas cientificamente pela medicina clínica e pela psiquiatria. Os psicotrópicos, que são receitados pelos clínicos de diferentes especialidades e pelos psiquiatras, a fim de regular bioquimicamente o mal-estar dos indivíduos. O álcool e as drogas têm a função de abater-se contra a ação do superego e, assim, as autorrecriações efetuadas pela pessoa, bem como o afunilamento de sua autoestima e o sentimento de impotência recebem grandes interferências da instância psíquica do id e, deste modo, constituem-se uma fuga agradável e que, por alguns momentos, abafa a *insuportável-dor-do-mundo*.

Estimulados, atraídos e manipulados pela incessante oferta de consumo, por divertimentos, pseudocultura, drogas que prometem o paraíso, objetos que simbolizam poder e *status*, podemos dizer que os homens-massa de Ortega y Gasset vivem para fora, para o exterior. Um verdadeiro *acting out* coletivo caracteriza as atividades a que se entregam as pessoas em seus espaços de lazer. As metrópoles, principalmente, são pródigas em ofertas de *lazer* e *cultura*, quase sempre do corpo, que ajudam as pessoas a *colocar tudo para fora*, em pagodes, danceterias, forrós, *ravies*, academias, bailes funks, bares onde se bebe sem parar e *se joga conversa fora* (DAMERGIAN, 2009, p. 27).

No íntimo, de certo, toda a necessidade de ação, de fugas associadas ao consumo, às toxicomanias e ao imediatismo podem camuflar a revolta quanto ao passageiro e à mortalidade que vem norteadas ao que diz Freud em *O mal-estar na civilização* (1930): de que o homem sustenta uma fantasia de que possa receber satisfação através do mundo externo, pois este deve se alterar a fim de adaptar-se aos desejos humanos. Assim, o indivíduo carrega em si uma concepção de onipotência e onisciência, como se fosse um Deus, e centraliza-se na tarefa mais árdua que lhe traga acomodação, ou seja, que lhe garanta a (falsa) felicidade ab-

solta. Entretanto, não consegue sustentar essa crença, pois, de fato, não carrega os atributos de Deus e assim é gerado um completo mal-estar.

Klein já concebia como as pessoas que repetiam em seu mundo externo um conflito interno, cuja fonte seria experiências passadas, agravadas pela falta de solução do conflito no presente. De fato, a transitoriedade do tempo, da vida e a dúvida quanto a uma possível eternidade, obriga, constantemente, a se fazer o luto do momento presente para se ter acesso ao momento seguinte. Klein é a teórica das perdas, do luto e da melancolia, não apenas como episódios contingentes e acidentais, mas enquanto partes integrantes e indispensáveis da travessia existencial de todos. É a descoberta última da verdade amarga que se esconde atrás do complexo de castração: finitude, transitoriedade, morte. A saúde mental não significa escapar a este destino e sim, ao contrário, assumi-lo. Figueiredo e Cintra (2010b) ressaltam que em todo processo de luto deverá ocorrer a aceitação da morte e, posteriormente, algum tipo de renascimento. Morte, luto e renascimento constituem-se como o movimento cíclico, cuja metáfora é o processo de constituição do sujeito. Na sociedade hipermoderna, quando seus indivíduos negam a realidade psíquica, tal recusa envolve uma operação: não apenas se negam os maus sentimentos e o objeto mau, mas aniquila-se também a parte do ego que corresponde aos sentimentos de amor.

Em *Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna*, Freud (1908) expõe que a doença nervosa moderna fundiu-se rapidamente, dinamizada pelas exigências da civilização, cujo intento direciona o sujeito a eclodir em suas precisões individuais, a ansiar por bens materiais desnecessários, bem como pelo descontentamento nas esferas sociais. As mudanças ocorridas nas recentes décadas quanto às condições políticas, associadas ao incremento do comércio, indústria e agricultura, prendem-se a todas as atividades do indivíduo e acarretam prejuízos ao sistema nervoso, pois dilapidam energias que devem atender a todas estas exigências. Sendo assim, a civilização e seus meandros suprimem os instintos de seus habitantes porque, sob um ponto de vista, paira o sentimento de onipotência e, em outras vezes, tendências vingativas e agressivas direcionadas a si, aos outros e/ou ao mundo. Destarte, o sujeito que frustra os desígnios da civilização condiz ao produto das forças mentais elididas que são contrárias ao seu ambiente. A restrição da atividade sexual na comunidade normalmente vem intensificada com o medo da morte e a proliferação da ansiedade, cuja perturbação ao prazer é evidenciada. O resultado pode ser entendido como a diminuição no desejo de gerar filhos e, com isso, a escravização ao hedonismo como meta à satisfação do bem-estar particular.

O hedonismo seria uma forma de o indivíduo fugir de uma realidade que seria insuportável e que, ao mesmo tempo, ele sentiria impotente para transfor-

mar. A autoexaltação desmesurada da individualidade no mundo do espetáculo implica a crescente *volatilização* da solidariedade, visto que, enquanto valor, esta se encontra assustadoramente em baixa. O que caracteriza a subjetividade na cultura do narcisismo é a impossibilidade de poder admirar o outro em sua diferença radical, já que não consegue se descentrar de si mesmo. O indivíduo da sociedade do espetáculo encara o outro apenas como um objeto para seu usufruto, pois seria apenas no horizonte de um corpo a ser infinitamente manipulado para o gozo que o outro se apresenta para o sujeito no panorama da atualidade (BIRMAN, 2012a).

O pensamento e a linguagem tendem a desaparecer como eixos ordenadores do mal-estar na atualidade, enquanto assumiam anteriormente uma posição nobre na descrição do desconforto existencial. Atualmente, dialoga-se pouco, ou melhor, a comunicação vem por meio de um monólogo narcísico, onde não há o outro e nem mesmo o respeito pela diferença. A linguagem tanto escrita quanto falada, paulatinamente, vem sofrendo perdas como, por exemplo, na comunicação, que em sua maior parte, localiza-se na era digital, e há o sujeito e o verbo (a ação), apenas. Também, há o recuo do pensamento abstrato, do mergulho na própria interioridade, do momento de espera, de deslumbre, de vida imaginária.

Assim, a primeira emergência de uma posição depressiva, para Petot (1991), é ao redor do desmame simbólico, ou seja, quando o indivíduo já possui autonomia, independência e autoconhecimento suficientes para ser um eu, uma vida psíquica singular, particular e emancipada, de fato. Inicialmente, deverá haver identificação com o objeto total, isto é, a capacidade de se reconhecer como outro sujeito desejante, como alguém a ser preservado e não consumido. Somente quando o bebê conseguir identificar-se com o objeto é que surgem os primeiros sentimentos de culpa, pois para sentir culpa é necessário ter assumido, em relação ao objeto, essa nova posição. Na posição paranoide, estar diante do objeto indica o seu consumo e, inversamente, o medo de sua perseguição, pois as partes excluídas ou maltratadas vinham a se tornar uma fonte de ameaças. Na posição depressiva, estar diante do objeto é antes de tudo reconhecê-lo como alguém que se deseja preservar e que se pode perder.

Figueiredo e Cintra (2010a) esclarecem que a introjeção do objeto bom é efetivada para dentro do aparelho psíquico a partir de *reservas* internas de experiências de prazer que podem funcionar como acesso a estados que exigem a tolerância de privação e frustração. Com isso, o objeto bom é o nome dado à experiência de satisfação introjetada e convertida em uma fonte de bem-estar e segurança, cujo resultado da introjeção da experiência de encontro entre a necessidade da criança e o que ambiente pode efetivamente proporcionar a ela.

Imediatismo, objetividade, relacionamentos com o objeto de formas parciais, recuo da linguagem e do pensamento, era dos excessos, falta de percepção interna e de vivenciar as próprias emoções, domínio da satisfação e do prazer imediatos são as características do modo de funcionamento dos sujeitos na sociedade hipermoderna. Freud (1924[1923]) remete às diferenciações entre a neurose e a psicose. A sociedade hipermoderna leva o sujeito, com todo artefato produzido pelo social, a viver comandado pelo id, pelo princípio do prazer, e a arrancar este sujeito da realidade, uma realidade que frustra, que não realiza, escancara desejos de infância que nunca são vencidos e que estão enraizados, assim como a psicodinâmica da psicose.

Ainda, Freud (1924[1923]) expõe que, na psicose, o ego, a serviço do id, se afasta de um fragmento de realidade. Na psicose, a perda de realidade estaria necessariamente presente, ao passo que na neurose, segundo pareceria, essa perda seria impedida. Na psicose, repudia-se a realidade e tenta-se substituí-la e o fragmento da realidade rejeitado constantemente se impõe à mente, tal como o instinto reprimido faz na neurose, e é por isso que, em ambos os casos, os mecanismos também são os mesmos. O psicótico não simboliza, ou seja, os elementos concretos ou reais que lhe são apresentados por sua percepção, idealização, que não são efetivamente reais, concretos, mas o psicótico os vê como tais. Os indivíduos ainda, em sua maioria, atualmente, têm uma estrutura neurótica, contudo, os valores, ideologias e propostas pregadas pela sociedade hipermoderna camuflam uma estrutura psicótica.

Nos estudos de Klein (1930), a autora aponta para o fato de que a realidade é tanto objetiva quanto subjetiva. E a realidade externa é o reflexo da vida instintiva. Figueiredo e Cintra (2010b) ressaltam que o tempo da infância é pouco para elaborar o caos de emoções ambivalentes e aceitar, acolhendo-as e harmonizando-as, tanto a realidade psíquica quanto a realidade externa, com suas exigências, com seus inexoráveis vereditos. Transformar em cosmos o caos interior requer tempo, o tumultuado tempo da neurose infantil.

O desejo de possuir o objeto amado pode chegar ao ponto em que o invejoso quer se confundir com o amado. Invejar, nestes termos, é forma primária, um estado de exaltação passional: desejo de *ter e ser a pessoa amada*, fundir-se com ela, sentido ao mesmo tempo, a trágica impossibilidade de *sê-la* por dentro; mas esta inveja também comporta uma fantasia diante do bom objeto (desejado e admirado): a de, penetrando-o, destruí-lo ou danificá-lo e, em consequência, perdê-lo. A cada experiência em que a fonte de amor se nega e retrai, mais aumenta o desejo e a inveja, o ressentimento e o ódio, bem como o estrago imaginário produzido no objeto bom. Contendo uma fantasia de incorporação e posse, o

amor em suas origens encontra-se tão infiltrado da inveja primária que é difícil identificá-los em separado.

Ao descrever a posição esquizoparanóide, Klein trata das fantasias destrutivas do bebê dirigidas ao objeto, no caso do seio, concebida como mau quando frustra ou quando o desprazer, o medo, tudo o que ameaça a sua vida, passa a ser da responsabilidade fantástica desse seio/objeto parcial/mãe. Da mesma forma todas as sensações de prazer, bem-estar, conforto, acolhimento são dirigidas ao seio bom, o objeto amado, idealizado, representante da mãe boa. O seio é o mesmo, um só, mas não pode ser percebido como tanto quanto a mãe é uma só. Mas a fragilidade inicial e a dependência do bebê não lhe permitem a dúvida nem ambivalência. Ele não pode ainda estar em contato com o que considera bom e mau, o que ama e odeia ao mesmo tempo. Daí a divisão, daí a necessidade de um seio-objeto-mãe idealmente bom, inteiramente confiável, que possa ser internalizado como núcleo do ego (DAMERGIAN, 2009, p. 134).

Steiner (1994) destaca que a diferença mais significativa entre as duas posições kleinianas esteja na dimensão de integração progressiva, que leva a um sentimento de inteireza tanto do *self* como das relações de objeto à medida que se aproximam da posição depressiva. Por meio dessa integração ocorre uma mudança, de uma preocupação com a sobrevivência do *self* para um reconhecimento da dependência em relação ao objeto e a conseqüente preocupação com tal estado.

As principais defesas da posição esquizoparanóide são a cisão, a identificação projetiva e a idealização. A estrutura do ego reflete a cisão em objetos, bom e mau, que estão em relação com objetos bons e maus, e as relações de objeto são do mesmo modo cindidas. O ego é insuficientemente integrado durante todo o tempo, de modo que não há lembrança de um objeto quando este está ausente. Contudo, a perda do objeto bom é vivenciada como a substituição de uma situação idealizada por uma situação persecutória. Do mesmo modo, na dimensão espacial, o seio, o rosto ou as mãos não estão ainda integrados em uma pessoa inteira.

As defesas esquizoparanóides têm também um poderoso efeito sobre o pensar e sobre a formação de símbolos. A identificação projetiva leva a uma confusão entre *self* e objeto, o que resulta em uma confusão entre o símbolo e a coisa simbolizada. O pensamento concreto, o qual nasce quando há interferência na simbolização e interfere em um incremento de ansiedade e rigidez.

Assim, a posição esquizoparanóide provoca sentimentos de onipotência, onisciência, persecutoriedade, fantasias de superioridade e uma sensação de ser capaz de clivar tudo o que se refira à vida mental, desde os objetos amados e odiados,

como até os próprios pensamentos e o ato de pensar são sentidos como possuidores da verdade absoluta. A integração, portanto, pressupõe a modificação da visão de mundo, a investigação e o abandono de alguma ordem já existente.

Na posição depressiva desenvolve-se um senso de distinção, ou seja, *self* e objeto, objeto real e ideal passam a ser considerados como separados e independentes, mas o fracasso dessas discriminações promove a falha na simbolização e produz *equações simbólicas*. Nota-se que os padrões de comportamentos repetitivos visam a sustentar a realidade para qual falta a convicção interna e, com isso, a integração poderá ser alcançada ao se acolher e integrar a ambivalência e os dualismos inerentes à vida e ao ser humano. Autonomia, independência, emancipação são essenciais ao momento adulto e à sobrevivência em uma sociedade hipermoderna adoecida.

The functioning in society mental hypermodern

Abstract: The aim of this study is to present the productions, ideologies and social values aimed at individuals entered in the hypermodern society (LYPOVE'TSKY, 2004) or liquid life (BAUMAN, 2004, 2007) and, as is their the mental functioning. For this, it started with the particularities of the present society, for example, the voracious desire for gratification unlimited, immediate and permanent. In support of reading about mental functioning mode in the hypermodern society, was resorted to kleinian theory (1930, 1952) the depressed position and, in particular, the schizoid, as to what concerns the forms of relationship with the object, with the world external and internal, with the good and bad object, the demands in each position in babies, especially in babies grown hypermodern.

Keywords: Helplessness. Hypermodernity. Klein. Position schizoparanoïd. Subjectivity.

Referências

BAUMAN, Z. **Amor líquido:** sobre a fragilidade das relações humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. **Tempos líquidos.** Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade:** a psicanálise e as novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012a.

_____. **O sujeito na contemporaneidade:** espaço, dor e desalento na atualidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012b.

DAMERGIAN, S. **Para além da barbárie civilizatória:** o amor e a ética humanista. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- EDLER, S. **Luto e melancolia: à sombra do espetáculo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- FIGUEIREDO, L. C.; CINTRA, E. M. U. **Melanie Klein**. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2010a.
- _____. **Melanie Klein: estilo e pensamento**. São Paulo: Escuta, 2010b.
- FREUD, S. (1908). Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna. In: **ESB**. v. 9. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1924[1923]). Neurose e psicose. In: **ESB**. v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1930). O mal-estar na civilização. In: **ESB**. v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- LEITE, E. A. **Tristeza**. São Paulo: Duett Editorial, 2010.
- LIPOVETSKY, G. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.
- KLEIN, M. A psicoterapia das psicoses. In: **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Originalmente publicado em 1930).
- _____. Algumas conclusões teóricas relativas à vida emocional do bebê. **Inveja e ingratidão**. Rio de Janeiro: Imago, 1991. (Originalmente publicado em 1952).
- PETOT, J-M. **Melanie Klein I**. São Paulo: Editora Perspectiva S. A., 1991.
- SEGAL, H. **Introdução à obra de Melanie Klein**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- STEINER, J. O equilíbrio entre as posições esquizoparanóides e depressiva. In: ANDERSON, R. (Org.). **Conferências clínicas sobre Klein e Bion**. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Débora Rodrigues

ANA ROSA GONÇALVES DE PAULA GUIMARÃES
Rua Izaura Augusta Pereira, 317 / 102
38408-192 – Uberlândia – MG – Brasil
e-mail: anarosa.psi@hotmail.com